

PRINCÍPIOS ETNOMETODOLÓGICOS SUBJACENTES AO ARTEFATO LITERÁRIO DA CARTA AOS HEBREUS

Edivaldo Ferreira de Arruda*

 <https://orcid.org/0000-0003-4121-7380>

Roberta Varginha Ramos Caiado**

 <https://orcid.org/0000-0002-4444-774X>

Como citar este artigo: ARRUDA, E. F. de; CAIADO, R. V. R. Princípios etnometodológicos subjacentes ao artefato literário da Carta aos Hebreus. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-16, 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2114761

Submissão: agosto de 2021. **Aceite:** outubro de 2021.

Resumo: Este artigo se presta a estudar a Carta aos Hebreus pelas lentes etnometodológicas da indicialidade, baseando-se no contexto metalinguístico das interações sociais subjacentes à dimensão intertextual. A Carta é apreciada qualitativamente sob pesquisas empíricas de *corpora* bibliográficas, sobretudo em seu discurso do prólogo, segundo o qual os eventos judaicos precedentes se encontram em espaço dialogal contínuo com o discurso cristão. Destarte, as reflexões cristãs amplificam-se na medida em que aspectos indiciais no texto indicam condições de ajustes de mundo às palavras.

Palavras-chave: Carta aos Hebreus. Etnometodologia. Indicialidade. Social. Discurso.

* Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, PE, Brasil. E-mail: edivaldofa@gmail.com

** Unicap, Recife, PE, Brasil. E-mail: caiado.roberta@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ **O** desafio maior das ciências sociais sempre foi desvendar o sentido do mundo do texto, em especial quando se trata de situação histórica distante do contexto do leitor. Nem por isso as ciências se eximem de dedicar expedientes em análises das estruturas sociais, para melhor entender a evolução do conhecimento humano desde as culturas antigas.

A Carta aos Hebreus (CH) é um dos livros que compõem o cânon do Novo Testamento (NT) da Bíblia¹. É consensualmente aceito como um gênero textual sermão, designado a uma leitura responsiva em determinada comunidade cristã primitiva (LANE, 1991).

O uso dos princípios da etnometodologia no estudo da CH visa depreender os elementos de registro na situação social dos destinatários imediatos do texto, com vista à produção de sentido. Etnometodologia – termo cunhado por Garfinkel (2018, p. 101) – é usada “para se referir à investigação das propriedades racionais de expressões indexicais e outras ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas engenhosas da vida cotidiana”.

A etnometodologia se presta a preencher determinadas lacunas que a sociologia não deu conta ao problematizar o sentido que as pessoas dão à vida a partir de suas ações. Destarte, não é sem razão que este estudo leva em conta o registro de situações anteriores, com as quais o momento atual se identifica de forma reflexiva ou refratada, como indicativo de correlação.

Hebreus reúne eventos de prestígio no artefato literário que envolvem uma participação ativa em práticas cristãs. Segundo Frye (2014, p. 233), “o ritual, como o conteúdo da ação, e mais particularmente da ação dramática, é algo continuamente latente na ordem das palavras”.

Nosso ponto de partida é a análise de aspectos etnometodológicos na CH para delimitar as fronteiras de atos de discurso na comunicação de conteúdos cristãos ao exercício da fé. O texto é marcado pelo uso de elementos indiciais, como “últimos dias” e “hoje”. À vista disso, tomamos os recursos da etnometodologia para descrever como o autor representa os discursos antigos na CH, conforme um diálogo entre autores. Designamos interlocutores o conjunto desses autores na qualidade de participantes de um novo ato discursivo.

Primeiramente, estudaremos o processo sociodiscursivo mediante o qual a CH incorpora recursos metalinguísticos no artefato literário, orientando-se por uma perspectiva retórica. Em seguida, entramos no mérito dos fatores indiciais entre o dito no sermão e o não dito que se abre à contemporaneidade, segundo direcionamento dos aspectos indiciais do texto. E, enfim, faremos uma breve análise metalinguística do exórdio ou prólogo da Carta aos Hebreus (PH).

PROLEGÔMENOS SOBRE UMA ABORDAGEM METALINGUÍSTICA

Pelo fato de a CH se tratar de texto cristão que faz uso de diversos intertextos da tradição judaica precedente, abordaremos as interações sociodiscursivas oriundas desses encontros.

1 Todas as traduções de fontes em língua estrangeira serão de nossa responsabilidade, a não ser que haja indicação em contrário. Ademais, neste estudo, usaremos a tradução da Bíblia Almeida revista e atualizada. Em casos específicos e necessários, usamos o texto grego para análises de termos-chave do enunciado.

Garfinkel (2018) delimita a etnometodologia em cinco aspectos empíricos: 1. a prática, realização; 2. a indicialidade ou indexicalidade; 3. a relatibilidade; 4. a reflexividade; e 5. a noção de membro. De acordo com Garfinkel (2018, p. 98), a ação prática diz respeito a um exercício contínuo de competência pelo qual o membro percebe os movimentos sociais como realização, envolve “conhecer’ as situações nas quais ele deve operar, caso suas práticas devam servir de medida para transformar as características específicas dessas situações”.

O aspecto prático localiza-se dentro de um fenômeno em que o membro reconhece cenas, afirma Coulon (1995, p. 32), e indica como os “atores interpretam constantemente a realidade social, inventam a vida em uma permanente bricolagem”.

Segundo Garfinkel (2018, p. 96), o sentido das expressões indiciais está no falante: “[o] tempo, para uma expressão indexical temporal, é relevante para aquilo que nomeia. De forma semelhante, a região exata em que uma expressão indexical espacial nomeia depende da localização de sua elocução”.

Para Watson e Gastaldo (2015, p. 42-43), indicialidade

[...] significa, em poucas palavras, “referência ao contexto”. [...] o conceito de contexto é um pouco como o de estrutura social [...] desde um conjunto de arranjos institucionais [...] até a concepção etnometodológica de estrutura social como um padrão auto-organizado de atividades.

De fato, as palavras criam pontes que ligam diferentes contextos e dão sentido àquelas, em situação de intercâmbio dos elementos metalinguísticos.

Em grau elevado, o conteúdo bíblico se apoia na intertextualidade, fenômeno linguístico subjacente à noção de Kristeva (2012, p. 142) de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Na etnometodologia, a indicialidade figura os “encontros de textos”, na medida em que corresponde amiúde a “todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação”, afirma Coulon (1995, p. 33).

Contudo, deve-se notar a barreira entre o artefato textual e seu discurso propriamente dito, uma questão já levantada por Bakhtin (2015a, p. 307-335) pelo fato de a linguística formal não distinguir o texto implícito (subentendido) no artefato verbal (texto empírico, oral ou escrito). O texto implícito é mais complexo, devido à sua singularidade histórica, tem a ver com a rede de relações socioaxiológicas pela qual o texto-artefato adquire significação (um conjunto de relações externas). O artefato é como monumento, afirma Volóchinov (2019, p. 169-170, grifo do autor), no

[...] todo autossuficiente, isolado e relacionado não a uma compreensão ideológica ativa, replicadora, mas a uma compreensão totalmente passiva, [...] o filólogo relaciona esse monumento [...] com outros monumentos existentes no plano [da] língua.

É evidente que a análise linguística não consegue dar conta das palavras no contexto extraverbal. Bakhtin (2015b, p. 207, 209) propõe uma abordagem metalinguística nas réplicas da comunicação dialógica para viabilizar o estudo da vida do discurso, mas compreende que

[as] pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. [Elas] estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes

aspectos e diferentes ângulos de visão. [...] Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, a linguística deve aproveitar os resultados da metalinguística.

Segundo Watson e Gastaldo (2015, p. 46), conquanto “as unidades gramaticais possam ser empregadas na produção de frases orientadas-para-a-fala pelos próprios interagentes”, com efeito, determinados textos, em face de sua aceção oral, não se restringem a fraseologias gramaticais, mas antes promovem interações, em uma dada situação concreta.

Segundo Volóchinov (2014, p. 134), a situação social envolve o evento como um todo, sendo

[...] concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. [...], o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido.

A despeito da limitação verbal, a indicialidade marca as atividades do falante na medida em que “[a] significação de uma palavra ou de uma expressão provém de fatores contextuais como a biografia do locutor, sua intenção imediata, a relação única que mantém com seu ouvinte, suas conversações passadas”, conforme Coulon (1995, p. 33).

Auerbach (1987, p. 122) lembra que geralmente os eventos bíblicos são representados “sob a forma de diálogo, método extremamente eficaz para tornar a história sacra familiar ao povo, e esse diálogo em breve passou a ser cantado e recitado”.

A nosso ver, em face de uma complementaridade entre os aspectos da etnometodologia e da metalinguística, é razoável harmonizar pontos de intertextualidade a indiciais no que se refere especificamente a questões sutis envolvidas na menção e no uso das palavras no texto.

Pelo viés metalinguístico, Authier-Revuz (2004, p. 192) põe acento na representação do discurso outro (RDO) situada em dois planos: 1. somente no plano do conteúdo, por meio das palavras utilizadas; ou 2. no plano da expressão, por meio das palavras às quais é feita menção, fazendo intervir a autonomia².

A etnometodologia também se ocupa das interações no nível de conversação pelo fato de associar os acontecimentos com “as realizações contínuas dos atores”, uma condição de estabilidade condicionada aos processos, muito mais do que a repetição ou “constância do objeto” de análise, de maneira que, consoante a Coulon (1995, p. 31), “[a] realidade social é constantemente criada pelos atores, não é um dado preexistente”.

Destarte, com base em eventos reais e singulares que envolvem as comunidades sociais, depreendem-se não apenas as ações frequentes, mas aprecia-se, sobretudo, o processo em que os membros são responsabilizados na situação *hic et nunc* do enunciado processado.

Em todo texto, há expressões de contextos alheios com as quais um autor “conversa”, confrontando os ouvintes imediatos com a situação implícita nesse ato discursivo. As palavras, com frequência, marcam encontros de eventos, como: “alguém”, “isto”, “vocês”. Para Coulon (1995, p. 32), são expressões indiciais “que tiram o sentido do próprio contexto”.

2 A autonomia refere-se à parte linguística marcada pela menção do signo como forma de autodesignação; em outros termos, é o nome de si próprio – o que não se repete.

Outro elemento que compõe o quadro da etnometodologia é a reflexividade, que tem a ver com atos espontâneos nas interações sociais recorrentes nas atividades ordinárias. Na ótica de Garfinkel (2018, p. 99), é o primeiro fenômeno a ser problematizado cientificamente e em práticas da vida cotidiana, caracterizando um fenômeno essencial de reflexão. Coulon (1995, p. 41-42) afirma que, nessa vertente, a reflexividade designa

[...] as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. É a propriedade das atividades que pressupõem ao mesmo tempo que tornam observável a mesma coisa. [...] Descrever uma situação é constituí-la. A reflexividade designa a equivalência entre descrever e produzir uma interação, entre a compreensão e a expressão dessa compreensão.

Soma-se à reflexividade o poder da fala quanto à relatabilidade, ou seja, ao que se pode descrever analiticamente nas atividades cotidianas, explicáveis pelos efeitos práticos visíveis. Nas palavras de Garfinkel (2018, p. 93), “[o] caráter ‘reflexivo’ ou ‘encarnado’ de práticas de relato e dos próprios relatos forma o cerne da recomendação. [...] [Assim], observável-e-relatável, ou seja, disponível para os membros como práticas situadas de olhar-e-dizer”.

Ainda, em relação à relatabilidade, Coulon (1995, p. 45) sumariza de forma consistente:

[dizer] que o mundo social é [relatável] significa que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável. Essa analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos atores.

Entre os aspectos etnometodológicos a noção de “membro” acaba por fechar o ciclo dos referentes contextuais. De acordo com Garfinkel (2018, p. 98, 100), o membro de um grupo deve

[...] “conhecer” as situações nas quais ele deve operar, [...] “no meio” das situações reais testemunhadas, reconhece que as situações testemunhadas têm um sentido realizado, uma facticidade realizada, uma objetividade realizada, uma familiaridade realizada.

Coulon (1995, p. 47) comenta que a condição de membro em si não é uma referência à “pertença social, mas ao domínio da linguagem natural”. Para Watson e Gastaldo (2015, p. 48, grifo do autor), o objeto de sentido “envolve um reparo para todos os fins práticos, em que os membros traçam um padrão distinguível de um ou mais particulares [contextos]”.

Sumariamente, Garfinkel (2018, p. 123) argumenta que as características estáveis das atividades cotidianas têm forte relação com o fato de que “[o] membro da sociedade usa as expectativas contextuais como esquema de interpretação”.

Contudo, há de se considerar que a linguagem decerto evidencia traços singulares da participação efetiva de um indivíduo num grupo social. O modo como a pessoa se posiciona e reage diante das circunstâncias da vida cotidiana são determinantes à condição de membro. De acordo com Swales (1990, p. 22, tradução nossa), as questões relativas à linguagem podem ser resumidas na social expressão dos gêneros, a saber, num “aglomerado de ideias” que

[...] é produto da suposição de que realmente há entidades identificáveis como comunidades do discurso, não critérios para estabelecê-las ou identificá-las.

Eles nos direcionam para indagar como uma determinada comunidade discursiva usa suas convenções discursivas para iniciar novos membros ou como o discurso de outra pessoa reifica valores ou crenças particulares.

À vista da situação discursiva em Hebreus, merece atenção especial a questão indicial. Nessa vertente, o texto evidencia um conjunto de valores sociais circunscrito à estrutura do pensamento cristão. Esse aspecto etnometodológico pode ser notado no fato de o autor elaborar sínteses dos eventos anteriores e em sua relação com os fatos em andamento, além de descrever e refletir sobre as ações de seus ouvintes, conforme veremos a seguir.

O PRÓLOGO DE HEBREUS SOB UM VIÉS METALINGÜÍSTICO

Nesta etapa, entramos no mérito dos usos dos termos indiciais na CH, tendo, é claro, um olhar de quem está do lado de fora do evento propriamente dito na situação de enunciação. A propósito disso, consideramos que os comentários sobre a situação textual enformam as cenas que analisaremos nesse ato de discurso, sob aceção metalingüística.

Vale dizer que não pretendemos interpretar com rigor os versos da CH, antes buscamos identificar o perfil de enunciação desencadeado nos movimentos sociais impostos pelos usos de termos indiciais, a partir das afirmações protocolares do PH (Hb 1.1-4), citado a seguir:

1 Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, 2 nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. 3 Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, 4 tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.

Dois pontos merecem destaque no PH. O primeiro diz respeito à problemática central que põe o texto em movimento por meio da ênfase discursiva na fala implícita do personagem principal, Jesus, representado na nomenclatura “Filho”, assim, o autor orienta os seus ouvintes a focarem o presente com os olhos nos eventos passados. O segundo ponto tem relação com a remissão daqueles eventos passados pelos quais o autor propõe a condição de exauribilidade do enunciado, na fala do Filho – o Messias escatológico – como ato de revelação final do Pai, cuja tônica é uma orientação cültica: quem rejeitar a mensagem, será rejeitado no *eschaton* – palavra do grego do Novo Testamento (GNT), *ἔσχατον*, de onde procede a expressão técnica escatologia, de acordo com Louw e Nida (2013 [1989], p. 544). Em Hb 1.2, a palavra designa o fim das eras, a saber, dos acontecimentos relacionados com as profecias bíblicas.

Quanto ao primeiro ponto, consideremos em Garfinkel (2018, p. 95) que o ato de nominar envolve a indicialidade das expressões, porque a palavra se refere “a uma determinada pessoa, tempo ou lugar, nomeia algo não nomeado por alguma réplica da palavra”.

Nessa ótica, as citações concernentes à filiação no Antigo Testamento (AT), as quais são “ressignificadas” na pessoa de Jesus para dar conta de que tudo o que se fala sobre e pelo Filho fazem sentido na situação modificante. Em suma, no

cotidiano, ampliam-se conceitos para alcançar um estágio superior da vida. As realizações, portanto, são marcadas pelas práticas sociais identificadas na comunidade. Nesse ínterim, é possível também estabelecer vínculos ideológicos com atores sociais de outros contextos.

Nessa direção, temos por certo que o escritor reivindica o crédito para os discursos cujas práticas sociocristãs estejam em conformidade com a fala atual do Filho. Kistemaker (2013, p. 50) tem em conta que “[a] construção de Hebreus 1.3-4 indica que os versículos eram uma antiga confissão cristã, talvez usada para propósitos litúrgicos e catequéticos”.

A partir disso, as ações sociais no cenário primitivo propõem abertura de diálogos com outros ciclos cristãos que se incluem no evento escatológico. A nosso ver, à etnometodologia é reservado um espaço comum para análises contextuais, já que é pela “pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar”, conforme Coulon (1995, p. 30).

O registro das palavras na CH satisfaz à condição de interdependência canônica, própria da ideologia cristã quanto à correspondência textual da tradição do AT. Vale notar que os recursos literários da retórica clássica grega também estão presentes na CH. Ong (1998, p. 126) lembra que “[a] ‘arte’ da retórica, embora dissesse respeito à linguagem falada, foi, como as outras ‘artes’, produto da escrita”.

Auerbach (1987, p. 11) entende com razão que “a tradição da edição de textos antigos se manteve durante toda a Antiguidade; teve igualmente grande importância quando se tratou de constituir os textos sagrados do Cristianismo”.

Quanto ao segundo ponto, o PH promove eventos a partir de remissão *ex post facto*, na situação em que se supõe uma reflexão acerca da estabilidade sociocristã com o advento do Messias, implícita em todo o argumento de Hebreus, e bastante explícita em Hb 8.8-13, em que o autor cita a tradicional passagem da Nova Aliança de Jr 31.31-34 em sua totalidade.

Em continuidade com o discurso do PH, a RDO na CH tem afinidade com a forma de expressão do falante mais frequente no texto, do tipo: “Deus alguma vez disse: ‘Tu és meu Filho’” (Hb 1.5). Nas citações diretas (entre aspas) do AT, o autor faz uma ruptura sintática na medida em que não usa uma conjunção “que”. Esse tipo de ruptura é recorrente e marca uma linguagem prosaica que conecta eventos curtos e presumivelmente familiares às comunidades cristãs primitivas.

Embora a situação dos destinatários da CH remeta ao universo extraverbal, é subjacente a acentos metalinguísticos compartilhados no verbal. A irrupção do Filho é determinante para estabelecer confluências de discursos ao acentuar temas relacionados com a prática de leitura de “passagens messiânicas do AT. Cantavam os bem conhecidos salmos e hinos na igreja ou em casa, e recitavam versículos específicos do AT” (KISTEMAKER, 2013, p. 14).

A partir desse movimento de interações com os textos da tradição do AT, o autor da CH organiza em forma de prosa alguns pressupostos teológicos para convencer a sua audiência da superioridade da fala do Filho. Frye (2014, p. 419) tem em conta que “[a] prosa retórica [...] é naturalmente mais bem adaptada aos dois propósitos da retórica, ornamento e persuasão”.

Em certo sentido, a reflexividade incorpora pontos centrais da CH, na medida em que os atos de discurso autorais não apenas relatam, mas antes recomendam

a adaptação dos ouvintes à nova e superior condição de vida, em meio à qual eles devem expressar um comportamento condizente com a realidade, em contraste com os hábitos antigos da Antiga Aliança.

Podemos então dizer com Frye (2014, p. 197) que “a representação de objetos naturais e de ideias são simplesmente dois ramos de sentido centrífugo”. Contudo, na CH, as palavras se alinham à fala do Filho, e criam pontos de convergência entre os discursos anteriores do AT.

A representação de um evento de prestígio na Nova Aliança, com efeito, retrata traços de previsibilidade e objetividade dos acontecimentos que se ligam aos atuais, não como meras colas de textos combinantes no discurso do autor, mas tais qual a mimese operante na recriação da realidade, por meio da constatação de fatos interconectados na linha do tempo.

A reflexividade alcança uma implicação prática na vida da audiência na medida em que, no contexto de produção de discurso, aquela é afetada no *hic et nunc* ao ter que assumir uma postura responsiva, portanto, relatável em meio à confissão na fala do Filho (cf. Hb 10.23-24)³.

Em paráfrase, o autor da CH afirma: “eis aí a fé, não se pode fugir dos fatos”. Destarte, o acolhimento da fé cristã representa não voltar às práticas do judaísmo, que eram transitórias, incompletas. Portanto, voltar atrás significa retroceder na vida (cf. Hb 10.25)⁴.

Ao relacionarmos a condição de membro com os eventos relatados em Hebreus, percebemos que a confissão (*homologia* no grego) – enquanto ato comunal dos destinatários –, tão enfatizada no texto, interliga pontos discursivos sobre essa condição. Segundo Käsemann (2002, p. 168, tradução nossa), “é impressionante como a ‘Carta aos Hebreus’, sem comentário, refere-se à *homologia*, sem destacar o substantivo em uma cláusula relativa”. O termo *homologia* ocorre em Hb 3.1; 4.14 e 10.23, e nos verbos cognatos (*homologéio*) em Hb 11.13; 13.15. É possível, então, identificar outros membros enquanto interlocutores de uma comunidade em transição que interagem no processo de escrita da CH, nos eventos de recepção do próprio GNT.

Coulon (1995, p. 48) tem razão em dizer que “tornar-se um membro significa filiar-se a um grupo, a uma instituição, o que exige o progressivo domínio da linguagem institucional comum”. Destarte, os membros são participantes ativos e responsivos, envolvidos diretamente nos processos etnometodológicos citados aqui. Portanto, a consciência participativa no mundo da linguagem torna o membro capaz de interagir discursivamente em seu contexto.

Nesse sentido, Watson e Gastaldo (2015, p. 58) entendem que a etnometodologia se preocupa sobretudo com a “linguagem como fenômeno central, e trata o ‘uso’ como algo que envolve um conjunto de práticas sociais localmente situadas, que as pessoas conduzem em colaboração uma com as outras”. De mais a mais, as participações em atos cômicos, na CH, evidenciam interações de cooperação, na medida em que se reflete sobre os valores do sistema antigo com referência ao novo, a saber, a transição do judaísmo ao cristianismo.

3 Hb 10.23-24: Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.

4 Hb 10.25: Não deixemos de congregarmos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima (BÍBLIA, 1993).

Em suma, apesar de propor a quebra de paradigmas, a CH compreende um grupo social heterogêneo, de judeus e gregos, que tem uma linguagem em comum e competência social para comunicar novos conceitos que se avultam nas práticas cristãs.

Ainda assim, nesse cenário, elementos antigos – sacrifícios, altar, cordeiro, sangue, pão, purificação, sagrado etc. – não são descartados. Está em voga, portanto, a significação desses na linguagem (cf. Hb 10). Logo, os cinco pontos da etnometodologia são um aporte válido para se analisar eventos sociais na CH. Ressalta-se, aqui, o aprofundamento na questão indicial, conforme discutiremos em seguida.

A SITUAÇÃO SOCIAL DE “HEBREUS” PELO VIÉS DISCURSIVO DA INDICIALIDADE

Nesta etapa, faremos uma breve análise do aspecto indicial que marca o discurso do excerto Hb 1.1-4, comumente tomado como PH.

Para tanto, partimos da acepção de a indicialidade abarcar todas as determinações que se ligam a uma palavra, em determinada situação. Segundo Watson e Gastaldo (2015, p. 44), os aspectos indiciais são observáveis em situações interativas nas quais se buscam “as orientações sobre o contexto compartilhadas pelos participantes”.

Já mencionamos que Hebreus faz amplas RDO, marcadas por palavras de locutores da tradição do AT que são inseridos no texto para expressar um dizer vívido e dialógico, e sobretudo ideologicamente conectado com o cotidiano cristão. Segundo Long (1997, p. 6, tradução nossa),

“Hebreus”, como todos os bons sermões, são um evento dialógico num formato monológico. O pregador não lança informações e argumentos contra os leitores como se fossem alvos. Em vez disso, “Hebreus” são escritos para criar uma conversa, evocar participação, estimular as memórias fiéis dos leitores.

Para se ter uma ideia, Kistemaker (2013, p. 19-20) elaborou um notável estudo sobre a intertextualidade na CH, no qual são evidenciados eventos da tradição precedente, que ocorrem no texto como menção, alusão ou eco do AT⁵, como percebemos no quadro a seguir.

Quadro 1 – Citações diretas do AT em “Hebreus”

Hebreus	Antigo Testamento
1.5a; 5.5	1. Salmos 2.7
1.5b	2. Samuel 7.14
1.6b	3. Deuteronômio 32.43
1.7	4. Salmos 104.4
1.8-9	5. Salmos 45.6-7

(continua)

5 A demanda deste estudo não comporta nem objetiva discutir os pormenores das alusões ao AT na CH, no entanto, reconhece a importância das interseções entre os enunciados como parte geradora de sentido para contextos sociais subsequentes.

Quadro 1 – Citações diretas do AT em “Hebreus” (conclusão)

Hebreus	Antigo Testamento
1.10-12	6. Salmos 102.25-27
1.13	7. Salmos 110.1
2.6-8a	8. Salmos 8.4-6
2.12	9. Salmos 22.22
2.13a	10. Isaías 8.17
2.13b	11. Isaías 8.18
3.2; 5	12. Números 12.7
3.7-11	13. Salmos 95.7-11
4.4	14. Gênesis 2.2
5.6; 7.17; 21	15. Salmos 110.4
6.14	16. Gênesis 22.17
7.1-2	17. Gênesis 14.17-20
8.5	18. Êxodo 25.40
8.8-12	19. Jeremias 31.31-34
9.20	20. Êxodo 24.8
10.5-7	21. Salmos 40.6-8
10.30a	22. Deuteronômio 32.35a
10.30b	23. Deuteronômio 32.36a; Salmo 135.14a
10.37-38	24. Isaías 26.20; Habacuque 2.3-4
11.18	25. Gênesis 21.12
12.5-6	26. Provérbios 3.11-12
12.20	27. Êxodo 19.12-13
12.21	28. Deuteronômio 9.19
12.26	29. Ageu 2.6
13.5	30. Deuteronômio 31.6
13.6	31. Salmos 118.6

Fonte: Kistemaker (2013, p. 19-20).

Com efeito, o autor faz remissão de textos precedentes do AT, que acabam por conferir credibilidade ao discurso em andamento, mediante citações diretas iniciadas com sintagmas introdutórios, tais como: “ele fala”, “ainda fala”, “ao que fala”, “em outro lugar também diz”, “enquanto se diz”, “quando ele diz”. O termo grego *laleo* (fala) ocorre 16 vezes em “Hebreus”, indicando interações sociocomunicativas. O Gráfico 1 a seguir apresenta os significados que são atribuídos a esse termo no que diz respeito aos usos possíveis no GNT em geral.

Gráfico 1 – Significados de *laleo* no GNT

Fonte: Elaborado pelos autores.

Acerca das condições de uso das expressões indiciais, Coulon (1995, p. 33) afirma que “indicialidade é um termo técnico, adaptado da linguística. Isso significa que, embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada”. Não é sem razão dizer que a indicialidade, enquanto referência ao contexto, sugere a constituição de pontes dialogais, como interseção de tramas na vida cotidiana, sob a ótica dos falantes capazes, ativos e situados.

Segundo Bakhtin (2015a, p. 311), a união de mundos expõe “um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto a ser criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores”. Sob a guisa da conversação, Watson e Gastaldo (2015, p. 43) têm em conta que a consciência de momento dos atores sociais, em uma comunidade cujos valores são consensualmente aceitos, não designa imposição “por nenhuma autoridade externa, mas produzida *in situ, in vivo* pelos próprios interlocutores”. Com base nas obras de Dostoiévski, Bakhtin (2015b, p. 4, grifo do autor) fala em termos de polifonia: “*multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e autêntica polifonia de vozes plenivalentes*”.

A partir dessa consciência engendrada no social, Garfinkel (2018) afirma que é possível indicar elementos de indicialidade, por exemplo, em textos antigos, como ele percebe ao citar um trecho de *Dissoi logoi*, da Antiguidade Clássica, um antigo texto grego de cerca de 330 a.C., num recorte da expressão: “eu sou um recruta”, em que ele comenta sobre a indicialidade do pronome pessoal “eu”.

No tocante ao discurso do PH, a expressão “últimos dias”, em Hb 1.2, é fortemente carregada de linguagem indicial, sobretudo por orientar o ato discursivo concreto. Por meio dessa indicialidade, o termo temporal “hoje”, que ocorre em várias partes da CH, acaba por assimilar o sentido promovido pelo próprio PH. Em outras palavras, as citações do AT, no sermão, em geral, têm força factual, operando como cumprimento das profecias escatológicas dos discursos precedentes, no evento presente. O propósito comunicativo do autor, então, alinha-se com a Palavra das Sagradas Escrituras, enquanto discurso conciliador.

É de suma importância considerar a questão indicial nos diversos eventos sociocristãos. Queremos dizer que o autor da CH se baseia em textos de contextos

diferentes para realizar comparações (síncrises) em seu mundo. Ao tomarmos cada evento isoladamente, percebemos que o autor, de certa maneira, faz uso semicontextual daqueles textos do AT. Sumariamente, quando lemos Hebreus, na atualidade, apreciamos um evento profético dos “últimos dias”.

Em outras áreas da metalinguística, a indicialidade também pode ser vista como dêixis (dêitico ou *token*). Em todos esses casos, faz-se referência ao contexto. Authier-Revuz (2004, p. 195) fala em termos de ruptura no plano semiótico (uso/menção) na citação direta, em que se instaura uma bivocalidade – entre o sintagma introdutor e a parte citada –, do ponto de vista enunciativo, conclui a autora. Isso implica um “duplo quadro de referência para elementos dêiticos: de uma parte, em uso, normalmente em relação com a situação de enunciação em curso, e, de outra parte, em menção, remetidos à situação de enunciação representada” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 195).

A heterogeneidade entre as vozes dos interlocutores põe em questão as marcas indiciais relacionadas com a situação *hic et nunc* dos ouvintes como expressões designadas para fazer fluir a conversação. Segundo Dubois *et al.* (2014, p. 317, grifo do autor), “[o] aspecto *indicial* da enunciação é definido pelos participantes da comunicação, pelo tempo e lugar da enunciação e pelo modo de relação do sujeito com relação a seu enunciado (*eu, aqui, agora*)”.

O posicionamento autoral é levado a cabo em Hebreus, na medida em que responde às expectativas dos participantes até aquele momento. Essas respostas têm um caráter definitivo, haja vista que o escritor se utiliza dos discursos precedentes para apoiar seu ponto de vista, alinhando-se a eles enquanto palavra autorizada (cf. Hb 4.12)⁶. Essa objetividade é designada por Volóchinov (2014) como “discurso direto esvaziado” (ou reificado), no qual a caracterização objetiva do herói, feita pelo autor, lança espessas sombras sobre o seu discurso direto.

A partir de eventos do AT, a CH consolida diversas RDO que se conectam por meio de expressões indiciais (como pronomes e advérbios) para relacionar o dito com o dito-diferente, conforme a situação dos ouvintes se avulta no texto. O sermão, então, é elaborado de forma prosaica, escrita que perfaz uma conversa ao modo das interações cristãs, como um cenário de eventos dos Evangelhos que, “com muitos pormenores de um realismo vivo, se prestavam muito bem à representação”, como acentua Auerbach (1987, p. 123).

A expressão “nestes últimos dias” dá legitimidade às ações presentes, de sorte a valorar o conteúdo axiológico que se afirma mediante o uso progressivo dos discursos precedentes do AT. Nessa direção, Watson e Gastaldo (2015, p. 47-48) comentam que,

[...] em vez de focalizar a verdade ou as condições contextuais de verdade, Garfinkel enfatiza os aspectos de sentido e da produção de sentido para as pessoas. O sentido de uma situação pode ou não ser concebido pelas pessoas in situ em termos de verdade per se.

Entrementes, não se pode negar que o uso do AT é uma posição axiológica de verdade no enunciado da CH.

Na situação da CH, evocar outros discursos evidentemente abre espaço à dialogicidade entre os atores sociais. O autor menciona temas relacionados com

⁶ Hb 4.12: Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

a tradição judaica, e, pela evidente condição superior de vida, ele propõe ajustes de certas práticas cotidianas cristãs, em especial não retroceder (apostatar) da fé em meio às dificuldades impostas pela vida.

A questão indicial preza o caráter situacional das interações sociais. A etnometodologia prioriza, nesse sentido, as propriedades refinadas das expressões contextuais que orientam a ação *ad hoc*, na factualidade dos eventos da realidade. Garfinkel (2018, p. 109) denomina “*ad hocação*” a instância prática relacionada com a ocorrência dos termos indiciais.

A CH comunica significados à tradição cristã, na medida em que os grupos enformados reconhecem valores similares. Para Volóchinov (2014, p. 67), a condição de comunicabilidade dos atores sociais tem relação com a interação dialógica pelas quais agentes se apercebem de não falarem sós, “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”.

Nesse sentido, podemos inferir que, no “hoje” escatológico, vozes sociais continuam a ressoar como parte constitutiva da consciência individual que opera na coletividade, como se pode observar nas diferentes confissões de fé cristãs, na atualidade. Contudo, há de se notar com Long (2011, p. 31, tradução nossa) que, às eras subsequentes, isso inclui o tempo que chamamos de hoje, “não se deveria mais incluir ‘confissão’ do que a CH nos exorta a ‘segurar firme’ [reter]”.

Por essa razão, a indicialidade marcada por “nestes últimos dias” e “hoje” em “Hebreus” é um fator operante no sermão/homilia que se amplia no decurso das eras, numa “alta estação”. Crisóstomo (2013, p. 965) comenta sobre sua recepção no tempo: “ninguém desespere, mas se refaça, porque, enquanto estamos neste mundo, temos oportunidade, aquele hoje”.

De fato, até mesmo a aceitabilidade/canonicidade da CH envolve questões indiciais, na medida em que relaciona temas exequíveis à tradição cristã subsequente. As práticas cristãs se enformam no estreito reconhecimento desses temas, posto que a significação (e não o sentido) se desloca em face da situacionalidade dos leitores não imediatos desse sermão. Lembremos com Bakhtin (2015a, p. 134, grifo do autor) que se entende “por significação, os elementos da enunciação que são *reiteráveis e idênticos* cada vez que são repetidos”.

Portanto, à proporção que os aspectos da fé cristã são evocados, contextualizados, eles organizam a vida cotidiana, não só pela força objetiva do sentido único do enunciado da CH, mas, sobretudo pela significação (aplicação) que a objetividade da Palavra proporciona à vida em curso, em condições de transformações sociais.

Nesse quesito, a modalização das práticas nos cenários cristãos reflete os pontos de vista singulares quanto ao conteúdo valorativo de maior apreço para uma determinada comunidade cristã. Criam-se, então, condições de prestígio nas quais operam acordos sociais. Assim, conforme Watson e Gastaldo (2015, p. 49), o aspecto reflexivo “não é uma propriedade dos atores, mas uma atividade de produção de sentido, trata-se de uma reflexividade da ação, não do autor”.

Os tópicos da Antiga Aliança são, portanto, desfragmentados em Hebreus, e não poderia ser diferente, a propósito de designar um evento concreto de representação no exercício da fé cristã, marcado pela indicialidade do evento crístico que se avulta “nestes últimos dias”.

Com efeito, isso não quer dizer que as afirmações bíblicas sejam contra-producentes no que tange ao sentido original, ao contrário, a CH cria um inventário único sobre o discurso do Filho, nas palavras de Bakhtin (2012, p. 64): “[o]

mundo que Cristo deixou não poderá mais ser o mesmo, como se ele nunca tivesse existido: é, fundamentalmente, um outro mundo”.

Naturalmente, a ação litúrgica tem a ver com as descrições desse mundo no contexto de sua produção, como uma condição de reflexividade observada na equivalência “entre a compreensão e a expressão dessa compreensão”, como reitera Coulon (1995, p. 42).

Finalmente, as questões que emanam da pós-modernidade se alinham na linguagem, na condição de “ajustes de mundo às palavras”, compartilham significados na enunciação. Para Volóchinov (2014, p. 101),

[...] mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão.

Por essa razão, analisaram-se aqui, de modo pontual, as interações sociais, dialógicas presentes no discurso de Hebreus, e os possíveis desdobramentos daquelas interações na atualidade, deixando entre parênteses todas as condições valorativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os instantes que antecederam a escrita da CH até os dias atuais, as interações sociais podem ser perscrutadas, especialmente quando podemos analisar aspectos de natureza contextual. É de suma importância considerar que, a despeito de a experiência da fé perpassar o sentido interior, espiritual, ela necessariamente se expressa nas relações sociais, nos fatos que podem ser inteligíveis, descritíveis e até certo ponto mensuráveis. Destarte, as fronteiras entre o linguístico e o situacional são minimizadas. Esse encontro de horizontes torna os indivíduos mais capazes de conhecer a si mesmos, haja vista que, enquanto participantes de determinado grupo social, se aproximam de seus ideais na linguagem.

No discurso da CH, estruturam-se enunciados que satisfazem as análises das condições de indicialidade, a propósito de evidenciar fatos sociais que refletem a dinâmica da linguagem em uso e, por conseguinte, a progressividade do pensamento dos sujeitos situados.

E, em último momento, é interessante notar que a etnometodologia não se atém aos fatos de linguagem isolados como se pretendesse estabelecer uma sociologia específica, mas se conforma com as análises das interações que colocam a vida cotidiana em movimento, de modo natural, focando essencialmente a situacionalidade das ações sociais.

Portanto, a exauribilidade do conteúdo axiológico do enunciado concreto de “Hebreus” é concebida consensual e dialogicamente na recepção desses eventos do AT pela tradição cristã primitiva. Ademais, as tradições subsequentes (incluindo as atuais) tomam-no como evento único que incorpora diálogos constantes com outras situações similares às dos ouvintes imediatos.

ETHNOMETODOLOGICAL PRINCIPLES UNDERLYING THE LITERARY ARTIFACT OF THE “LETTER TO THE HEBREWS”

Abstract: This article aims to study the Letter to the Hebrews through the ethnomethodological lens of indexicality, based on the metalinguistic context of social interactions underlying the intertextual dimension. The “Letter” is qualitatively appreciated under empirical bibliographic *corpora* research, especially in its prologue discourse, according to which the preceding Jewish events are in a continuous dialogic space with the Christian discourse. Thus, Christian reflections are amplified when indicial aspects in the text indicate conditions of world adjustments to the words.

Keywords: The Letter to the Hebrews. Ethnomethodology. Indexicality. Social. Discourse.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015a.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2012.
- BÍBLIA. Português. *Almeida revista e atualizada*. Barueri: SBB, 1993.
- COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CRISÓSTOMO, S. J. *Comentário às Cartas de São Paulo/3*. São Paulo: Paulus, 2013.
- DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FRYE, N. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: Realizações Editora, 2014.
- GARFINKEL, H. *Estudos de etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KÄSEMANN, E. *The wandering people of God: an investigation of the letter to the Hebrews*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2002.
- KISTEMAKER, S. J. *Comentário do Novo Testamento: exposição de Hebreus*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LANE, W. L. *Hebrews 1–8: word biblical commentary*. Dallas, TX: Word, 1991. v. 47.
- LONG, D. S. *Hebrews*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2011.
- LONG, T. G. *Hebrews: interpretation, a Bible commentary for teaching and preaching*. Louisville: Westminster John Knox, 1997.

- LOUW, J. P.; NIDA, E. A. *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013 [1989].
- ONG, W. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo: Papirus, 1998.
- SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- WATSON, R.; GASTALDO, E. *Etnometodologia e análise da conversa*. Petrópolis: Vozes, 2015.